

10. Citação de Aldo Rossi, em *A arquitectura da cidade*, 2001.

4. Considerações finais

A cidade oculta que fomentou a elaboração deste trabalho, revela-se como espaço capacitado de múltiplas utilizações ao longo dos tempos. Tal como Aldo Rossi define: "(...)A cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diferentes momentos de formação; a unidade destes momentos é a unidade urbana no seu conjunto; a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside no seu proeminente carácter formal e espacial.¹¹(...)" Para Aldo Rossi, apesar da cidade ser constituída por partes de "cidade", deve ser entendida como uma grande obra. Neste sentido, poderíamos pensar que todos os espaços da cidade são susceptíveis de se habitar. Talvez não exista uma hierarquia de importância, nós, que nos habituamos a conhecer a cidade de determinada forma, é que damos maior ou menor importância a determinados espaços da cidade. Ora, entendendo a cidade como uma grande obra, todos os recantos por mais insignificantes que nos possam parecer são importantes para a estrutura da cidade, consequentemente, para quem a habita. São talvez estes espaços que dão a riqueza formal e a diversidade de ambientes que a cidade de Lisboa contém, por exemplo.

Lisboa é aqui retratada com especial atenção pela razão lógica de procura de referências para a realização do programa de projecto avançado III. No entanto, enquanto "habitante" desta magnífica estrutura urbana, as motivações pessoais também foram preponderantes. , pode residir agora na reestruturação dos interiores de quarteirão. Com habitação ou não, eles são partes de cidade que a maioria desconhece ou parece não se interessar.

Actualmente, em Lisboa, parece ter-se dado especial atenção a espaços como estes, primeiro com a trienal de arquitectura, intitulada de vazios urbanos em 2007, e agora mais recentemente com a obra do arquitecto Ricardo Bak Gordon. São sinais de mudança de pensamento na arquitectura em Portugal.

Esta atitude da arquitectura torna-se num contributo para a cidade, mas também para o enriquecimento da própria. Verificámos igualmente, através dos casos de estudo, o marco que constituem na arquitectura pela sua ousadia, facilidade de integração e riqueza formal.

Assistimos a uma mudança de pensamento e de acção, enquanto inicialmente o miolo de quarteirão é visto como solução para ocultar construções menos qualificadas, como garagens, construções pré-fabricadas e vilas operárias, mais tarde, nos inícios do século XX, o interior passa a ser visto como um espaço de grande potencial para usos diversos, incluindo a habitação. Não podemos dizer que esta mudança tenha vindo para ficar, pois os exemplos que existem, apesar de significativos, não são numerosos, mas certo é que as cidades, um pouco por toda a Europa, têm interiores de quarteirão ao abandono, à espera de também estes serem considerados cidade.